



FOLHA ESPÍRITA
FRANCISCO CAIXETA
 ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA
 OBRAS ASSISTENCIAIS FRANCISCO CAIXETA
 ARAXÁ - MG

Novembro/Dezembro de 2018 nº83 Ano 14

CENTRO ESPÍRITA FRANCISCO CAIXETA
 BIBLIOTECA IRMÃ INEZ
 BANCA DO LIVRO ESPÍRITA CHICO XAVIER

Editorial

No mês de dezembro comemoramos o nascimento do “tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo”¹. Jesus, entretanto, tem sido substituído pelo bom velhinho gordo e de barba branca, caracterizado, pelo mundo dos negócios, na cor vermelha. “Papai Noel representa os interesses transitórios da Terra, ao passo que Jesus constitui os valores imorredouros do Céu.”² Não que seja errado incutir a fantasia, a alegria e o encantamento do Noel, principalmente, para as crianças. No entanto, não podemos permitir o esquecimento do verdadeiro sentido das celebrações do Natal, o nascimento de Jesus Cristo, que “é a festa de luz eterna com o presente de amor ao coração dos pequeninos para a edificação da felicidade espiritual pela educação do sentimento e do caráter no reino dos corações.”³ Que possamos orientar as nossas crianças, desde pequeninas, quanto ao verdadeiro sentido do Natal. “É lícito reunir a família, mas que essa reunião seja de paz e alegria, ornada pela realização do Culto do Evangelho no Lar, onde a bebida e a comilança sejam substituídas pelo abraço fraterno, pela alegria equilibrada, pela satisfação em unir corações nos laços da fraternidade.”⁴ Virou tradição a troca de presentes entre amigos, colegas de trabalho e familiares. Os que têm participado destas festividades, lembrem-se de que o livro edificante é o presente que esclarece, fortalece e induz o ser ao voo mais alto sob as asas do intelecto e do moral. Há aqueles que, nesta época, ficam mais sensíveis e levam o alívio aos mais necessitados, por meio de uma cesta de alimentos. Não esqueçamos de fazê-lo embalado pelo abraço fraterno e que seja todo ano, o ano inteiro. Muita paz e alegria de viver! Feliz Natal! Feliz 2019!

¹KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Questão 625. Rio de Janeiro: FEB.

^{2,3}BARCELOS, W. *Educadores do Coração*.

⁴MARIO, de M. *O verdadeiro Natal com Jesus*. Publicado e disponível em www.correioespirita.org.br.

4º CONGRESSO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA

10º Aniversário da Web Rádio Fraternidade

Jesus, caminho para a sua paz e a paz no mundo

25, 26 e 27 de janeiro-2019

Center Convention Uberlândia

O evento será transmitido ao vivo pela Web Rádio Fraternidade, FebTV, TViceb e Rede amigo Espírita!

Informações: <https://www.ceu2019.com.br/>

FEB esclarece sobre atuação de médiuns curadores

A Doutrina Espírita atua com o trabalho de caridade material e espiritual desinteressada, sem nenhum propósito a não ser o de auxiliar os necessitados. “Toda a prática espírita é gratuita, como orienta o princípio moral do Evangelho: Dai de graça o que de graça recebestes” (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. 26). O Espiritismo orienta que o serviço espiritual não deve ocorrer isoladamente, apenas com a presença do médium e da pessoa assistida. Não recomenda, portanto, a atividade de médiuns que atuem em trabalho individual, por conta própria. Estes não estão vinculados ao Movimento Espírita, nem seguindo sua orientação. A Federação Espírita Brasileira, junto ao Movimento Espírita, fundamentada na tríade *Deus, Cristo e Caridade*, pratica o bem, levando consolo e esclarecimento à humanidade. “Não é a mediunidade que te distingue. É aquilo que fazes dela”. (Emmanuel, em *Seara dos Médiuns*, cap. 12, psicografado por Chico Xavier).

<http://www.febnet.org.br/> - 11/12/2018

PROGRAMA ESPÍRITA ENTRE A TERRA E O CÉU

Aos domingos, às 8h, pelas ondas da Rádio Imbiara de Araxá, 91,5 FM e pela internet www.radioimbiara.com.br



10º CONGRESSO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL 2019

Educação com Jesus: A conquista do Reino de Deus

11 a 13 de outubro
 PUC Porto Alegre

Informações e inscrições:
www.espiritismors.org.br/



<https://www.amearaxa.org.br/>

VEJA NESTA EDIÇÃO

Natal - p.2

Amor aos animais - p.3

Um pai negligente com os filhos - p.4

O vai e vem da vida - p.5

Temor da morte - p. 6

A Indulgência - p. 8

Natal

“Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa-vontade para com os homens.” - (Lucas, 2:14)

As legiões angélicas, junto à Manjedoura, anunciando o Grande Renovador, não apresentaram qualquer palavra de violência.

Glória a Deus no Universo Divino.
Paz na Terra.

Boa-vontade para com os Homens.

O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranqüilidade ao mundo, não declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir.

Nem castigo ao rico avaro.

Nem punição ao pobre desesperado.

Nem desprezo aos fracos.

Nem condenação aos pecadores.
Nem hostilidade para com o farsite orgulhoso.

Nem anátema contra o gentio inconsciente.

Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus, para o serviço da Boa-Vontade.

A justiça do “olho por olho” e do “dente por dente” encontrara, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz.

Homens e animais, assombrados ante a luz nascente na estrebaria, assinalaram júbilo inexprimível...

Daquele inolvidável momento em diante a Terra se renovaria.

O algoz seria digno de piedade.

O inimigo converter-se-ia em irmão transviado.

O criminoso passaria à condição de doente.

Em Roma, o povo gradativamente extinguiria a matança nos circos. Em Sídon, os escravos deixariam de ter os olhos vazados pela crueldade dos senhores. Em Jerusalém, os enfermos não mais seriam relegados ao abandono nos vales de imundície.

Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento.

Irmão, que ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros.

Natal! Boa Nova! Boa-Vontade!...

Estendamos a simpatia para com todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia.

Emmanuel

Livro Fonte Viva, item 180. Chico Xavier

GRATIDÃO

Espírito Amélia Rodrigues
Por Divaldo Pereira Franco

Muito obrigado Senhor!

Muito obrigado pelo que me deste.

Muito obrigado pelo que me dás.

Obrigado pelo pão, pela vida, pelo ar, pela paz.

Muito obrigado pela beleza que os meus olhos vêem no altar da natureza.

Olhos que fitam o céu, a terra e o mar

Que acompanham a ave ligeira que corre fagueira pelo céu de anil

E se detém na terra verde, salpicada de flores em tonalidades mil.

Muito obrigado Senhor!

Porque eu posso ver meu amor.

Mas diante da minha visão

Eu detecto cegos guiando na escuridão que tropeçam na multidão que choram na solidão.

Por eles eu oro e a ti imploro comiseração

porque eu sei que depois desta vida, na outra vida, eles também enxergarão!

Muito obrigado Senhor!

Pelos ouvidos meus que me foram dados por Deus.

Ouvidos que ouvem o tamborilar da chuva no telheiro

A melodia do vento nos ramos do olmeiro
As lágrimas que vertem os olhos do mundo inteiro!

Ouvidos que ouvem a música do povo que desce do morro na praça a cantar.

A melodia dos imortais, que se houve uma vez e ninguém a esquece nunca mais!

A voz melodiosa, canora, melancólica do boiadeiro.

E a dor que geme e que chora no coração do mundo inteiro!

Pela minha alegria de ouvir, pelos surdos, eu te quero pedir

Porque eu sei

Que depois desta dor, no teu reino de amor, voltarão a sentir!

Obrigado pela minha voz

Mas também pela sua voz

Pela voz que canta

Que ama, que ensina, que alfabetiza,

Que trauteia uma canção

E que o Teu nome profere com sentida emoção!

Diante da minha melodia

Eu quero rogar pelos que sofrem de afazia.

Eles não cantam de noite, eles não falam de dia.

Oro por eles

Porque eu sei, que depois desta prova, na vida nova

Eles cantarão!

Obrigado Senhor!

Pelas minhas mãos

Mas também pelas mãos que aram

Que semeiam, que agasalham.

Mãos de ternura que libertam da amargura

Mãos que apertam mãos

De caridade, de solidariedade

Mãos dos adeuses

Que ficam feridas

Que enxugam lágrimas e dores sofridas!
Pelas mãos de sinfonias, de poesias, de cirurgias, de psicografias!

Pelas mãos que atendem a velhice

A dor

O desamor!

Pelas mãos que no seio embalam o corpo de um filho alheio sem receio!

E pelos pés que me levam a andar, sem reclamar!

Obrigado Senhor!

Porque me posso movimentar.

Diante do meu corpo perfeito

Eu te quero rogar

Porque eu vejo na Terra

Aleijados, amputados, decepados, paralisados, que se não podem movimentar.

Eu oro por eles

Porque eu sei, que depois desta expiação

Na outra reencarnação

Eles também bailarão!

Obrigado por fim, pelo meu Lar.

É tão maravilhoso ter um lar!

Não é importante se este Lar é uma mansão, se é uma favela, uma tapera, um ninho, um grabato de dor, um bangalô, uma casa do caminho ou seja lá o que for.

Que dentro dele, exista a figura

do amor de mãe, ou de pai

De mulher ou de marido

De filho ou de irmão

A presença de um amigo

A companhia de um cão

Alguém que nos dê a mão!

Mas se eu a ninguém tiver para me amar

Nem um teto para me agasalhar,

nem uma cama para me deitar

Nem aí reclamarei.

Pelo contrário, eu te direi.

Obrigado Senhor!

Porque eu nasci!


Obrigado porque creio em ti

Pelo teu amor, obrigado senhor!

Poema de Gratidão

Amélia Rodrigues/Divaldo Franco

2



Folha Espírita
Francisco Caixeta

Editado pela
Associação Espírita
Obras Assistenciais “Francisco Caixeta”

Grupo Editorial

Carlos Humberto Martins
Fábio Augusto Martins
Lívia Cristina Martins

Todos colaboram gratuitamente.

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá-MG

Impressão: Estrutural Editora e Gráfica
Tiragem: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

AMOR AOS ANIMAIS

Por Divaldo Pereira Franco
Professor, médium e conferencista

Em um governo do passado, um dos seus ministros conduziu, oportunamente, um cão ao veterinário em carro oficial. Surpreendido por um repórter, este advertiu-o sobre a irregularidade que estava cometendo, e o mesmo respondeu enfático: – Os cães também são gente!

Acredito, pessoalmente, que o Sr. Ministro quis dizer que os animais também merecem o tratamento dado às criaturas humanas.

De imediato, foi ironizado e tornou-se motivo de troça.

Banca do Livro Espírita “Chico Xavier”

Segunda à sexta - das 9h às 18h
Sábados - das 10h às 12h
Av. Antônio Carlos s/n. Araxá/MG



**É necessário:
Ler Kardec!
Estudar Kardec!
Sentir Kardec!
Viver Kardec!**

ATIVIDADES DO CENTRO ESPÍRITA “FRANCISCO CAIXETA”

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá/MG

Segunda-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Livro dos Espíritos/Passes

Terça-feira às 19h15

Reunião fechada ao público

Reunião mediúnica

Quarta-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/
Passes

Quinta-feira às 19h15

Reunião fechada ao público

Reunião mediúnica

Sexta-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/
Passes

Sábado às 18h

Estudo sistematizado da Doutrina Espírita
Evangelização da Criança e Mocidade
das 15h às 16h

Passes

Domingo às 18h

Reunião aberta ao público
Grupos de Estudos da Doutrina

•Salve o trabalho, viva o amor!•

Zequinha Ramos

Se ainda estiver reencarnado, ele poderá esclarecer que os animais estão sendo mais bem tratados do que os seres humanos.

O amor aos animais demonstra uma grande conquista pela sociedade, em razão do respeito à vida em todas as suas expressões.

Os animais merecem as mais carinhosas expressões de ternura e cuidados na condição em que estamos.

Francisco, o santo de Assis, assim o fez, inclusive ao então terrível lobo de Gúbio. Entretanto, forçoso é considerar, como ocorre em todas as ideias que se transformam em tendência, isto é, se fazem voga, que nelas surgem comportamentos extravagantes.

Os animais, quando domesticados, tornam-se excelentes companheiros de pessoas enfermas, solitárias, portadoras de conflitos, inclusive depressão, autismo, síndrome de Down e outros problemas.

A solidão também requer muito o amor dos animais, tornando-os verdadeiros amigos e companheiros.

No entanto, em uma civilização na qual a miséria moral é muito grande, dela decorrendo a miséria socioeconômica, os excessos nos cuidados aos animais tornam-se uma afronta ao sofrimento dos invisíveis, que se tornam desagradáveis, desprezados e, não raro, perseguidos.

É compreensível que, através do amor, que deve vigor entre as criaturas, este se expanda aos animais, aos vegetais, à natureza que nos mantém vivos e, ingratamente, a destruímos.

“Na planta, a inteligência fica adormecida; no animal, ela sonha; apenas no homem ela acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente. A partir daí o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da natureza, só pode realizar-se pelo acordo da vontade humana com as leis eternas.”

Léon Denis

Livro *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*
Capítulo IX Evolução e finalidade da Alma

Substituir o afeto de um ser humano pelo de um animal é lamentável, porque os dois não são incompatíveis. Pode-se amar o gênero humano e também o animal, com o mesmo calor emocional e cuidado.

Algumas pessoas, sofredoras e solitárias, referem-se que preferem amar aos inocentes animais do que aos indivíduos conscientes, que traem, magoam e são indiferentes aos seus padecimentos.

Não me parece feliz a troca afetiva, porque o instinto de preservação da vida também se encontra nos animais e, graças ao instinto, em algumas vezes sucedem graves acontecimentos entre esses e os seus cuidadores.

É inegável que tentar transformar um animal em um ser humano, por mais se cuide de trabalhar esse requisito, jamais se conseguirá. Entretanto, o amor que lhe seja dedicado é um passo gigantesco na afetividade que um dia será dirigida às criaturas humanas.

A evolução é inevitável e a força do amor invencível.

Artigo publicado no jornal A Tarde, coluna Opinião, de 29 de novembro de 2018.

Livro, o melhor presente!

Siga a Folha no

<http://twitter.com/FolhaCaixeta>

twitter



Agenda Espírita
Brasil

<http://www.agendaespiritabrasil.com.br/>

3

UM PAI NEGLIGENTE COM OS FILHOS

Charles-Emmanuel Jean era um artesão bom e de caráter suave, mas dado à embriaguez desde a juventude. Tinha sido tomado de viva paixão por uma jovem de suas relações, e que inutilmente pedira em casamento. Ela o tinha sempre repellido, dizendo que jamais esposaria um bêbado. Casou-se com outra, da qual teve vários filhos; mas, absorvido pela bebida, não se preocupou com a educação deles, nem com o seu futuro. Morreu pelos idos de 1823, sem que soubessem em que se havia tornado. Um dos filhos seguiu os passos do pai; partiu para a África e dele não se ouviu mais falar. O outro era de natureza completamente diversa; sua conduta foi sempre regular. Entrando cedo no aprendizado, fez-se amado e estimado pelos patrões como operário qualificado, laborioso, ativo e inteligente. Por seu trabalho e suas economias, conquistou uma posição honrada na indústria e educou de maneira muito conveniente uma numerosa família. É hoje um espírito fervoroso e devotado.

Certo dia, numa conversa íntima, exprimia o pesar por não ter podido assegurar aos filhos uma fortuna independente; procuramos tranqüilizar a sua consciência, felicitando-o, ao contrário, sobre a maneira pela qual havia cumprido seus deveres de pai. Como é bom médium, rogamos que pedisse uma comunicação, sem fazer apelo a um Espírito determinado.

Escreveu: “Sou eu, Charles-Emmanuel.”

É meu pai, disse ele. Pobre pai! não é feliz. O Espírito continua: Sim, o mestre tem razão; fizeste mais por teus filhos do que eu por ti, por isso tenho uma tarefa rude a cumprir. Bendiz a Deus, que te deu o amor da família.

Pergunta [Pelo Sr. Allan Kardec] – Onde vinha vossa inclinação pela bebida?

Resposta – Um hábito de meu pai, que eu herdei. É uma provação que eu devia ter combatido.

Observação – Realmente, seu pai tinha o mesmo defeito, mas não é exato dizer que era um hábito que ele havia herdado; ele simplesmente ceceu à influência do mau exemplo. Não se herdavam vícios de caráter, como se herdavam malformações congênicas. O livre-arbítrio tudo pode sobre os primeiros e nada sobre os segundos.

P. – Qual a vossa posição atual no mundo dos Espíritos?

Resp. – Estou incessantemente à procura de meus filhos e daquela que tanto me fez sofrer; daquela que sempre me rejeitou.

P. – Deveis ter um consolo no vosso filho Jean, que é um homem honrado e estimado, e que ora por vós, embora pouco vos tivésseis ocupado dele.

Resp. – Sim, eu sei; ele tem feito e o faz ainda; eis por que me é permitido falar convosco. Estou sempre perto dele, tentando aliviar suas fadigas; é a minha missão; ela só terminará com a vinda de meu filho para junto de nós.

P. – Em que situação vos encontrastes como Espírito, depois que morrestes?

Resp. – A princípio não me julgava morto; bebia sem cessar; via Antoinette, que eu queria alcançar e que me fugia. Depois procurava meus filhos, que amava a despeito de tudo, e que minha mulher não queria dar. Então me revoltava, reconhecendo a minha insignificância e a minha impotência, e Deus me condenou a velar por meu filho Jean, que jamais morrerá por acidente, porque em toda parte e sempre eu o salvo de uma morte violenta.

Observação – Com efeito, o Sr. Jean escapou muitas vezes, como por milagre, de perigos iminentes; por pouco não se afogou, não se queimou, não foi esmagado nas engrenagens de um motor e não explodiu com uma máquina a vapor; na juven-

tude foi enforcado por acaso e sempre um socorro inesperado o salvava no momento mais crítico, o que se deve, conforme tudo indica, à vigilância exercida pelo pai.

P. – Dissestes que Deus vos condenou a velar pela segurança de vosso filho. Não vejo nisto uma punição; já que o amais isto deve ser, ao contrário, uma satisfação para vós. Muitos Espíritos são encarregados da guarda dos encarnados, dos quais são protetores, e esta é uma tarefa de que se sentem felizes em realizar.

Resp. – Sim, mestre. Eu não devia ter abandonado meus filhos, como fiz. Então a lei de justiça me condena a reparar. Não o faço a contragosto; sinto-me feliz de o fazer por amor de meu filho; mas a dor que ele experimentaria nos acidentes de que o salvo, sou eu quem suporta; se ele devesse ser perfurado por dez balas eu sentiria o mal que ele suportaria se a coisa se realizasse. Eis a justa punição que eu atraí, não cumprindo junto dele meus deveres de pai quando vivo.

P. [Pelo Sr. Jean] – Vedes meu irmão Numa, e podeis dizer onde está? (O que se entregara à bebida e cuja sorte era ignorada).

Resp. – Não, não o vejo; procuro-o. Tua filha Jeanne o viu nas costas da África, cair no mar. Eu não estava lá para o socorrer; não o podia.

Observação – A filha do Sr. Jean, num momento de êxtase, de fato o tinha visto cair no mar, na época de seu desaparecimento.

A punição deste Espírito oferece esta particularidade: ele sente as dores que deve poupar ao filho. Compreende-se, então, que a missão seja penosa. Mas como não se queixa, a considera justa reparação e isto não diminui a sua afeição por ele, a expiação lhe é proveitosa.

Allan Kardec

Revista Espírita, maio de 1866.

Na questão 582, de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec indaga aos Espíritos?

“Pode-se considerar como missão a paternidade?”

Os Imortais responderam:

“É, sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve, mais do que o pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organiza-

ção débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos há, no entanto, que mais cuidam de apumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que de formar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem.”

Allan Kardec

O Livro dos Espíritos, questão 582. 4

O VAI E VEM DA VIDA

Por Carlos Humberto Martins

Na questão 132 de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec indaga aos imortais:

“Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?”

“Resposta: Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, tem que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: Nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: O de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, do ponto de vista as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.”

Allan Kardec faz um comentário sobre a resposta dos Espíritos, que vem elucidar mais sobre o tema da reencarnação:

“A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na Sua sabedoria, quis que nessa mesma ação Eles encon-

trassem um meio de progredir e de se aproximar Dele. Deste modo, por uma admirável Lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza.”

Deus nos criou Espíritos simples e ignorantes para progredir moral e espiritualmente, a fim de nos tornarmos perfeitos relativos à permissão de Deus.

No momento atual podemos e devemos considerar que a atual encarnação ou existência é a mais importante de nossa vida. Pois, nesse processo das reencarnações, ou seja, o vai e vem da vida, todas as nossas atitudes e ações estarão sendo estabilizadas à favor ou contra.

Que possamos pautar nossas ações dentro dos ensinamentos de Jesus à luz da Doutrina Espírita. Buscar sempre verificar se as nossas atitudes estão dentro dos princípios de amor e de fraternidade. Fazendo assim, aquilo que Santo Agostinho nos recomenda, ao responder a questão de 919 de *O Livro dos Espíritos*:

“Qual é o meio prático e mais eficaz para se melhorar nesta vida, e resistir aos arrastamentos do mal?”

“Resposta: Um sábio da antiguidade vos disse: Conhece-te a ti mesmo.”

Em síntese o sábio da antigui-

dade nos recomenda que ao deitar devemos fazer uma checagem de nossas atitudes durante o dia e, se nós magoamos, ferimos, prejudicamos alguém, que possamos, no dia seguinte reparar os erros, ou seja corrigi-los.

Isso nos leva a raciocinar, que devemos, primeiramente, estar atentos para com a educação de nossos filhos, desde a gestação. Sabemos que Deus nos lega a guarda dos filhos (Espíritos) para que possamos auxiliá-los, encaminhá-los a progredir, moral e espiritualmente.

Quanto aos adultos, compete sempre, a nossa evangelização, através de auto avaliações, nos possibilitando enxergar nossos defeitos e buscando, assim, meios de corrigi-los através dos ensinamentos deixados por Allan Kardec: a Doutrina Espírita. Doutrina esta, que é o Cristianismo redivivo, o Consolador prometido, outrora, por Jesus.

Portanto, que sejamos os O-breiros do Senhor, os Trabalhadores da última hora. Assim, nos transformando e auxiliando o planeta no processo de regeneração.

Que Jesus nos dê força, nos auxiliando cada vez mais a buscar a nossa iluminação.

Muita paz!

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

17. O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo, na encarnação.

Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. É semimaterial esse envoltório, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado perispírito, faz de um ser abstrato, do Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, conforme se dá com todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais poderosos motores.

O fluido perispirítico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Enquanto aquele se acha unido ao corpo, serve-lhe ele de veículo ao pensamento, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações que os agentes exteriores produzam. Servem-lhe de fios condutores os nervos como, no telégrafo, ao fluido elétrico serve de condutor o fio metálico.

18. Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao

gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vito-material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior.

Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em conseqüência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito.

Dado que, um instante após a morte, completa é a integração do Espírito; que suas faculdades adquirem até maior poder de penetração, ao passo que o princípio de vida se acha extinto no corpo, provado evidentemente fica que são distintos o princípio vital e o princípio espiritual.

(...)

Allan Kardec

Livro A Gênese.

Cap. XI - Gênese Espiritual.

TEMOR DA MORTE

O homem, seja qual for a escala de sua posição social, desde selvagem tem o sentimento inato do futuro; diz-lhe a intuição que a morte não é a última fase da existência e que aqueles cuja perda lamentamos não estão perdidos para sempre. A crença no futuro é intuitiva e infinitamente mais generalizada do que a do nada. Como é possível que ainda se encontre, entre os que crêem na imortalidade da alma, tanto apego às coisas da Terra, e tão grande temor da morte?

Este temor é um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. Ele é necessário enquanto o homem não estiver bastante esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso ao arrastamento que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao seu próprio adiantamento.

Assim é que, nos povos primitivos, o futuro é uma vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e, finalmente, uma certeza, mas ainda atenuada por secreto apego à vida corporal.

À proporção que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; mas, ao mesmo tempo, compreende melhor a sua missão na Terra, lhe aguarda o fim com mais calma, mais resignação, e sem medo. A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às idéias, outro objetivo ao trabalho; antes dela, nada que se não prenda ao presente; depois dela tudo pelo futuro, sem desprezo do presente, porque sabe que aquele depende da boa ou má direção deste. A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, de não perder um só fruto do seu trabalho, de engrandecer-se incessantemente em inteligência, perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. A solidariedade entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve existir na Terra, onde a fraternidade e a caridade têm desde então um fim e uma razão de ser, no presente como no futuro.

Para libertar-se do temor da morte é mister poder encará-la sob o seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado pelo pensamento o

mundo invisível e deste fazer uma idéia tão exata quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um tal ou qual desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria. Nos que não são suficientemente avançados, a vida material ainda prevalece sobre a vida espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real; aniquilado aquele, tudo se lhe afigura perdido, desesperador. Se, em vez de concentrar o pensamento na roupagem externa, o dirigisse para a fonte mesma da vida, sobre a alma, que é o ser real e sobrevivente a tudo, lamentaria menos a perda do corpo, fonte de tantas misérias e dores. Para isso, porém, necessita o Espírito de uma força só adquirível na maturidade.

O temor da morte decorre, portanto, da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio de que a destruição do corpo seja o fim de tudo. É, ainda, provocado pelo secreto desejo da sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza.

Esse temor decresce à proporção que a certeza aumenta, e desaparece quando esta é completa.

Eis aí o lado providencial da questão. Era prudente não deslumbrar o homem cuja razão ainda não fosse bastante forte para suportar a perspectiva, muito positiva e muito sedutora, de um futuro que o teria feito negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

Este estado de coisas é entretido e prolongado por causas puramente humanas, que o progresso fará desaparecer. A primeira é o aspecto sob o qual é apresentada a vida futura, aspecto que poderia contentar as inteligências pouco desenvolvidas, mas que não conseguiria satisfazer a razão esclarecida dos pensadores refletidos. Assim, dizem estes: “Desde que nos apresentam como verdades absolutas princípios contestados pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que eles não são verdades.” Daí, a incredulidade de uns e a crença dúbia de um grande número. A vida futura é-lhes uma idéia vaga, antes uma probabilidade do que certeza absoluta; acreditam, desejariam que assim fosse, mas apesar disso exclamam: “Se, todavia, assim não for! O presente é positivo, ocupemo-nos dele primeiro, que o futuro por sua vez

virá.”

E, depois, acrescentam, definitivamente que é a alma? É um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como se sente, vê ou percebe? É que a alma não lhes parece uma realidade efetiva, mas uma abstração. Os entes que lhes são caros, reduzidos ao estado de átomos no seu modo de pensar, estão perdidos, e não têm mais aos seus olhos as qualidades pelas quais se lhes fizeram amados; não podem compreender o amor de uma faísca nem o que a ela posamos ter, e eles próprios dão-se por satisfeitos com a perspectiva de se transformarem em mônadas. Justifica-se assim a preferência ao positivismo da vida terrestre, que algo possui de mais substancial, sendo considerável o número dos que se deixam dominar por este pensamento.

Outra causa de apego às coisas terrenas, mesmo nos que mais firmemente crêem na vida futura, é a impressão do ensino que relativamente a ela se lhes há dado desde a infância.

Convenhamos que o quadro esboçado pela religião, sobre o assunto, é nada sedutor e ainda menos consolatório. De um lado, contorções de condenados a expiarem em torturas e chamas eternas os erros de uma vida efêmera e passageira. Os séculos sucedem-se aos séculos e não há para tais desgraçados sequer o lenitivo de uma esperança e, o que mais atroz é, não lhes aproveita o arrependimento. De outro lado, as almas combalidas e aflitas do purgatório aguardam a intercessão dos vivos que orarão ou farão orar por elas, sem nada fazerem de esforço próprio para progredirem. Estas duas categorias compõem a imensa maioria da população de além-túmulo. Acima delas, paira a limitada classe dos eleitos, gozando, por toda a eternidade, da beatitude contemplativa. Esta inutilidade eterna, preferível sem dúvida ao nada, não deixa de ser de uma fastidiosa monotonia. É por isso que se vê, nas figuras que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas onde mais transparece o tédio que a verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem as aspirações nem a instintiva idéia de progresso, única que se afigura compatível com a felicidade absoluta. Custa crer que, só por haver recebido o batismo, o selvagem ignorante – de



senso moral obtuso – esteja ao mesmo nível do homem que atingiu, após longos anos de trabalho, o mais alto grau de ciência e moralidade práticas. Menos concebível ainda é que a criança falecida em tenra idade, antes de ter consciência de seus atos, goze dos mesmos privilégios somente por força de uma cerimônia na qual a sua vontade não teve parte alguma.

Estes raciocínios não deixam de preocupar os mais fervorosos crentes, por pouco que meditem. Não dependendo a felicidade futura do trabalho progressivo na Terra, a facilidade com que se acredita adquirir essa felicidade, por meio de algumas práticas exteriores, e a possibilidade até de a comprar a dinheiro, sem regeneração do caráter e costumes, dão aos gozos do mundo o melhor valor. Mais de um crente considera, no seu foro íntimo, que assegurado o seu futuro pelo preenchimento de certas fórmulas, ou por dádivas pós-tumas, que de nada o privam, seria supérfluo impor-se sacrifícios ou quaisquer incômodos por outrem, uma vez que se consegue a salvação trabalhando cada qual por si.

Seguramente, nem todos pensam assim, havendo mesmo muitas e honrosas exceções; mas não se poderia contestar que assim pensa o maior número, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a idéia que fazem das condições de felicidade no outro mundo não entretenha o apego aos bens deste, encorajando o egoísmo.

Acrescentemos ainda a circunstância de tudo nas usanças concorrer para lamentar a perda da vida terrestre e temer a passagem da Terra ao céu. A morte é rodeada de cerimônias lúgubres, mais próprias a infundirem terror do que a provocarem esperança. Se descrevem a morte, é sempre com aspecto repelente e nunca como sono de transição; todos os seus emblemas lembram a destruição do corpo, mostrando-o horrendo e descarnado; nenhum simboliza a alma desembaraçando-se radiosa dos grilhões terrestres. A partida para esse mundo mais feliz só se faz acompanhar do lamento dos sobreviventes, como se acontecesse a maior desgraça aos que se vão. Dizem-lhes eternos adeuses, como se jamais devessem revê-los. Lastima-se por eles a perda dos gozos mundanos, como se não fossem encontrar maiores gozos no além túmulo. Que desgraça, dizem, morrer tão jovem, rico e feliz, tendo a perspectiva de um futuro

brilhante! A idéia de um futuro melhor apenas toca de leve o pensamento, porque não tem nele raízes. Tudo concorre, assim, para inspirar o terror da morte, em vez de infundir esperança. Sem dúvida que muito tempo será preciso para o homem se desfazer desses preconceitos, mas lá chegará à medida que a sua fé se for firmando, a ponto de conceber uma idéia mais sensata da vida espiritual.

A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, mas resultado da observação. O véu está levantado; o mundo invisível nos aparece em toda a sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever sua situação. Nós aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça; assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Aí está para os espíritas a razão da calma com que encaram a morte, da serenidade de seus últimos instantes na Terra. O que os sustenta não é só a esperança, é a certeza; sabem que a vida futura é apenas a continuação da vida presente em melhores condições, e a esperam com a mesma confiança com que aguardam o nascer do sol, após uma noite de tempestade. Os motivos desta confiança estão nos fatos de que são testemunhas, e no acordo desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, e as aspirações íntimas do homem.

Demais, a crença vulgar coloca as almas em regiões apenas acessíveis ao pensamento, onde se tornam de alguma sorte estranhas aos vivos; a própria Igreja põe entre umas e outras uma barreira intransponível, declarando rotas todas as relações e impossível qualquer comunicação. Se as almas estão no inferno, perdida é toda a esperança de as rever, a menos que lá se vá ter também; se estão entre os eleitos, vivem completamente absortas em contemplativa beatitude. Tudo isso interpõe entre mortos e vivos uma distância tal que faz supor eterna a separação, e é por isso que muitos preferem ter, junto de si, embora sofrendo, os entes caros, antes que vê-los partir, ainda mesmo que para o céu. E a alma que estiver no céu será realmente feliz vendo,

por exemplo, arder eternamente *seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos?*

Para os espíritas a alma não é mais uma abstração; tem um corpo etéreo, que dela faz um ser definido, que o pensamento abarca e concebe; já é muito para fixar idéias sobre sua individualidade, aptidões e percepções. A lembrança dos que nos são caros repousa sobre algo de real. Não mais são representadas como chamuscaduras, que nada lembram ao pensamento, mas sob uma forma concreta, que no-las mostra melhor como seres vivos. Depois, em vez de estarem perdidas nas profundezas do espaço, estão à nossa volta; o mundo visível e o mundo invisível estão em perpétuas relações e se assistem mutuamente. Não mais sendo permitida a dúvida sobre o futuro, o temor da morte não tem mais razão de ser; encaramo-la com sangue-frio, como uma libertação, como a porta da vida, e não como a do nada.

Allan Kardec

Revista Espírita *Jornal de Estudos Psicológicos* - Fevereiro de 1865.
Tradução - Evandro Noleto Bezerra - FEB

5. O homem compõe-se de corpo e Espírito: o Espírito é o ser principal, racional, inteligente; o corpo é o invólucro material que reveste o Espírito temporariamente, para preenchimento da sua missão na Terra e execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O corpo, usado, destrói-se e o Espírito sobrevive à sua destruição. Privado do Espírito, o corpo é apenas matéria inerte, qual instrumento privado da mola real de função; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida, a inteligência. Em deixando o corpo, torna ao mundo espiritual, onde paira, para depois reencarnar.

Existem, portanto, dois mundos: o corporal, composto de Espíritos encarnados; e o espiritual, formado dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, devido mesmo à materialidade do seu envoltório, estão ligados à Terra ou a qualquer globo; o mundo espiritual ostenta-se por toda parte, em redor de nós como no Espaço, sem limite algum designado. Em razão mesmo da natureza fluídica do seu envoltório, os seres que o compõem, em lugar de se locomoverem penosamente sobre o solo, transpõem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo não é mais que a ruptura dos laços que os retinham cativos.

Allan Kardec

O Céu e o Inferno - Cap. 3 - 1ª Parte.

7

A INDULGÊNCIA

Por Cristiane Ferreira Luiz Bertolla

O tema escolhido para a reflexão nesta oportunidade é “Indulgência”, que etimologicamente se originou do latim *indulgentia* e significa “bondade”, “para ser gentil” ou “perdão de uma pena”.

O *Roteiro Sistematizado para Estudo de O Evangelho Segundo o Espiritismo* explicita que “Indulgência” é uma das virtudes que caracterizam o verdadeiro cristão e que se expressa pela postura complacente, compreensiva, que se adota perante as faltas e imperfeições do próximo.

No dia a dia, ainda, nos deparamos com a infeliz mania de observar os defeitos alheios, esquecendo de olhar para dentro de nós mesmos. O *Evangelho Segundo o Espiritismo* elucida que a indulgência é sentimento doce e fraternal, uma maneira de praticar a caridade que todo homem deve ter para com seu próximo, mas que poucos realizam.

A pessoa que é indulgente:

- Não observa os defeitos do outro, e se os vê, abstém-se de comentá-los e propagá-los. Caso sejam descobertos, tem sempre uma desculpa aceitável para disfarçá-los, e não daquelas que, fingindo atenuar a falta, a fazem ressaltar com sagacidade.
- Em nenhum momento se preocupa com os maus atos de outrem, a não ser que seja para uma serventia, mas, ainda assim, realiza com cautela e os ameniza tanto quanto possível.

Traz nos lábios apenas conselhos e quase sempre velados, não fazendo observações escandalizantes.

Ser indulgente, no entanto, não significa acobertar o erro, pois ele deve ser corrigido. Entretanto, a justiça divina age com misericórdia, permitindo que o pecador se regenere por si mesmo. A nossa maneira de agir o auxiliará a despertar para essa prática.

Precisamos, em nosso cotidiano aprender a exaltar o que há de

bom e virtuoso no próximo, pois mesmo um coração sendo um poço de perversidade, há sempre uma centelha de alguns bons sentimentos, princípios ardentes da essência espiritual.

Vale ressaltar que precisamos ser severos conosco e benevolentes para com as fraquezas alheias, pois também temos más inclinações a superar, falhas a corrigir, hábitos a transformar para progredirmos moralmente. Então, porque enxergar os erros quando se trata do próximo e fechar os olhos quando se trata de nós mesmos? Quando somos indulgentes conosco, estamos na realidade acobertando as nossas imperfeições e persistindo nas falhas. Nossos defeitos requerem atenção persistente e rigorosa. Busquemos, pois, analisar criteriosamente a própria consciência, a fim de avaliar o que há de mal em nós, que precisa ser corrigido, e nos esforçarmos para que isso, de fato, aconteça.

Finalizando, no livro *O Espírito da Verdade* - pelo Espírito André Luiz - psicografado por Waldo Vieira, há uma mensagem intitulada “Indulgência” que nos fará refletir um pouco mais sobre esta temática:

“A luz da alegria deve ser o facho continuamente aceso na atmosfera das nossas experiências. Circunstâncias diversas e principalmente as de indisciplina podem alterar o clima de paz, em redor de nós, e dentre elas se destaca a palavra impensada como forja de incompreensão, a instalar entrechoques.

Daí o nosso dever básico de vigiar a nós mesmos na conversação, ampliando os recursos de entendimento nos ouvidos alheios.

Sejamos indulgentes. Se erramos, roguemos perdão.

Se outros erraram, perdoemos.

O mal que desejarmos para alguém, hoje, suscitará o mal para nós, amanhã.

A mágoa não tem razão justa e o perdão anula os problemas, diminuindo complicações e perdas de tempo.

É assim que a espontaneidade no bem estabelece a caridade real.

Quem não reconhece as próprias imperfeições demonstra incoerência.

Quem perdoa desconhece o remorso.

Ódio é fogo invisível na consciência.

O erro, por isso, não pede aversão, mas, entendimento.

O erro nosso requer a bondade alheia; erro de outrem reclama a clemência nossa.

A Humanidade dispensa quem a censure, mas necessita de quem a estime.

E ante o erro, debalde se multiplicam justificações e razões.

Antes de tudo, é preciso refazer, porque o retorno à tarefa é a consequência inevitável de toda fuga ao dever. Quanto mais conhecemos a nós mesmos, mais amplo em nós o imperativo de perdoar.

Aprendamos com o Evangelho, a fonte inexaurível da Verdade.

Você, amostra da Grande Prole de Deus, carece do amparo de todos e todos solicitam-lhe amparo.

Saiba, pois, refletir o mundo em torno, recordando que se o espelho, inerte e frio, retrata todos os aspectos dignos e indignos à sua volta, o pintor, consciente, buscando criar atividade superior, somente exterioriza na pureza da tela os ângulos nobres e construtivos da vida.”

Referências:

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa, revista e modificada pelo autor em 1866. – 126. Ed. –Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

Dicionário de sinônimos. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br>. Acesso em 07/12/2018.

XAVIER, F. C.; VIEIRA, W. Indulgência in: *O Livro da Verdade – Vários Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB.

Fundação Allan Kardec - Manaus - AM. *Roteiro Sistematizado para Estudo do livro "O Evangelho Segundo o Espiritismo"*. Editora: Instituto Beneficente Boa Nova.

“Para viver em equilíbrio, você precisa de respostas.”

Obras fundamentais da Doutrina Espírita

Vamos estudar Allan Kardec, para melhor compreender Jesus!